

EDUCAÇÃO BÁSICA E CULTURA INDÍGENA: por sentidos não estereotipados

BASIC EDUCATION AND INDIGENOUS CULTURE: for non-stereotyped senses

EDUCACIÓN BÁSICA Y CULTURA INDÍGENA: por sentidos no estereotipados

Dayane Magalhães

Lúzia Ferreira

Sidney Santos

Resumo: Este estudo surge da vontade de compreender como a cultura indígena é significada por alunos da educação básica no Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia, localizado no distrito Maniaçu em Caetité, Bahia. Diante de nossa experiência como docentes no PIBID (UNEB) ao trabalhar com a temática indígena, observamos oralmente que alguns alunos caracterizavam os índios a partir de estereótipos. Pensamos, então, em pesquisar se isso era uma questão coletiva da turma ou algo isolado e até que ponto as ações pedagógicas do docente e da escola poderiam contribuir com a desconstrução da imagem estereotipada do índio. Planejamos atividades didáticas para abordar a temática em sala de aula e desenvolver nossa pesquisa. Constituímos o *corpus* a partir de textos escritos pelos alunos dessa turma da referida escola. Teoricamente, recorremos principalmente a: Orlandi (2011) no que se refere à linguagem, história e sociedade; Ramos (2015) no tangente a estereótipos e cultura em análise do discurso; e Tupiniquim Ramos (2018) sobre cultura indígena. Constatamos que a constituição do sujeito índio – sujeito outro – pelos enunciadores, alunos, é estereotipada por causa do modo como, interdiscursivamente, esses sentidos estão constituídos em outros lugares e em épocas anteriores.

Abstract: This search comes from the desire to understand how the indigenous culture is signified by elementary school students from Pedro Atanásio Garcia School, located in Maniaçu, a district of Caetité, Bahia. Taking into account our experience as teachers of the PIBID (UNEB) working with the indigenous theme, we observe that some students characterized Indian people from stereotypes. We wonder if this view was just from some isolated point of view or it was spread through the collective in the class and also what could be the capacity of the teacher and the school pedagogical actions toward the deconstruction of that stereotyped view of the Indian people by students. We planned pedagogical activities to approach the theme in classroom and develop our investigation. The Corpus was constituted by the texts produced by those students from the referred School. Theoretically, we refer mainly to Orlandi (2011) regarding to language, History and society, to Ramos (2015) regarding to stereotypes and culture in the Discourse Analysis, and to Tupiniquim Ramos (2018) regarding to indigenous culture. We found out that the constitution of the Indian as a subject – other subject – by the speakers (students) is stereotyped by the way how, interdiscursively, those meanings are constituted in other places and other historic periods.

Resumen: Este trabajo surge de la voluntad de comprender cómo la cultura indígena es significada por alumnos de la educación básica en lo Colegio Estadual Pedro Atanásio Garcia, localizado en la zona Maniaçu en Caetité, Bahia. Ante nuestra experiencia como profesores en el PIBID (UNEB), al trabajar con la temática indígena, observamos por la vía oral qué algunos alumnos caracterizaban a los indios a partir de estereotipos. Pensamos, entonces, en investigar se eso era una cuestión colectiva del aula o algo aislado y hasta qué punto las acciones pedagógicas del profesor y de la escuela podrían contribuir con la desconstrucción de la imagen estereotipa del indio. Planeamos actividades didáticas para abordar la temática en el aula y desarrollar nuestra búsqueda. Constituimos el *corpus* a partir de textos escritos por los alumnos de ese salón de clase de la mencionada escuela. Teóricamente, recurrimos principalmente a Orlandi (2011) en lo que se refiere al lenguaje, historia y sociedad; Ramos (2015) en lo tangente a estereotipos y cultura en el análisis del discurso; y Tupiniquim Ramos (2018) sobre cultura indígena. Constatamos que la constitución del sujeto indio – sujeto otro – por los

locutores, alumnos, es estereotipada a causa del modo cómo, dentro del discurso, esos sentidos están contruidos en otros sitios y en épocas anteriores.

Palavras-chave: Discurso; Produção de sentidos; Cultura indígena; Estereótipos; Educação escolar.
Key-words: Discourse; Meaning construction; Indigenous Culture; Stereotypes; School Education .
Palabras clave: Discurso; Producción de sentidos; Cultura indígena; Estereótipos; Educación escolar.

INTRODUÇÃO

A formação do povo brasileiro tem por base a miscigenação: indígena, africana e europeia. No entanto, os dois primeiros grupos étnicos são, desde o período colonial, desvalorizados e até excluídos de muitos espaços sociais.

A escola deve ser ambiente de combate aos preconceitos e de formação de estudantes autônomos e críticos. Não por isso, ela está isenta de concepções estereotipadas acerca dos negros e, sobretudo, de povos indígenas. Nesse contexto, fez-se necessária a criação, inicialmente, da lei 10.639/03, que obriga o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e, posteriormente, da lei 11.645/08, que complementa a primeira, acrescentando a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena.

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR).

A obrigatoriedade desses conteúdos programáticos em sala de aula parece ser justificada pela necessidade de combate à discriminação e de promoção e valorização da diferença, pois, o preconceito, muitas vezes, surge justamente da falta de informação. E cabe

à escola proporcionar o contato de seus alunos com as informações para que estes expandam seus novos conhecimentos e construam, assim, uma sociedade que conviva de forma respeitosa com as diferenças. Diante disso, surge a vontade de entender como a cultura indígena é tratada no Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia, localizado em Maniaçu, distrito do Município de Caetité, Bahia.

A pesquisa tem como objetivos: a) demonstrar a importância de se discutir a cultura indígena em sala de aula, b) analisar como os alunos do terceiro ano do ensino médio, da referida escola, atribuem significados aos povos indígenas, e c) compreender as condições de produção dos dizeres dos alunos sobre a cultura indígena.

Para tanto, utilizamos, principalmente, o aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso, visto que as teorias deste campo possibilitam estabelecer uma relação entre linguagem e sociedade, pois os sentidos construídos sobre os ameríndios nas sociedades não indígenas são construídos através da linguagem. O trabalho foi dividido nas seguintes etapas: seleção do corpus que se constituiu de relatos escritos pelos alunos sobre o índio, antes da aula expositiva preparada por nós¹, leituras bibliográficas e análise dos textos selecionados.

Como referencial teórico, no que se refere à linguagem e sociedade, recorremos principalmente à escritora Eni Orlandi (2011); no tangente a estereótipo e cultura em análise do discurso: Valim Ramos (2015); e no que se refere à cultura indígena: Tupiniquim Ramos (2018).

A LINGUAGEM COMO CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO ÍNDIO NA SOCIEDADE

Eni Orlandi concebe a linguagem como interação, ou seja, o modo de agir socialmente. Dessa forma, não se pode estudá-la sem considerar a sociedade visto que “os processos constitutivos da linguagem são histórico-sociais”. Cabe salientar que, nesse processo, não se deve considerar a sociedade como dada, muito menos a linguagem como produto, pois elas são constituídas mutuamente (ORLANDI, 2011, p. 82). Assim a construção identitária de povos indígenas se dá pela relação mútua entre linguagem e sociedade.

Os povos indígenas começaram a perder seus espaços (físicos, sociais e culturais) com a chegada dos portugueses ao Brasil. Estes se compreendiam como os mais civilizados e espiritualizados. E, sendo também o povo que dominava a escrita, construíram uma concepção dos povos indígenas de acordo com seus interesses. Estes podiam ser: de ordem religiosa, quando visavam expandir os domínios da igreja católica, alegando que os povos encontrados nas terras brasileiras não possuíam crença; e de ordem econômica, mas ainda

¹ Na condição de monitoras do PIBID de Letras (UNEB – DCH/Campus VI).

valendo-se de argumentos religiosos, quando visavam provar que os ameríndios não possuíam alma por isso poderiam ser escravizados.

O primeiro texto que registra a forma como os portugueses viram os índios ao chegarem ao Brasil é a carta de Pero Vaz de Caminha, obra que contribuiu para a construção de uma imagem estigmatizada do índio. Quando os portugueses chegaram, ficaram surpreendidos, pois tudo era muito diferente da realidade que conheciam na Europa, assim coube ao escrivão, Pero Vaz de Caminha, o minucioso trabalho de relatar o que viu para o então rei D. Manuel. Para que fosse possível uma boa compreensão do que foi visto, Caminha comparava o que via no Brasil com o que já conhecia e sabia que era de conhecimento do rei. Isso demonstra a falta de entendimento em relação ao outro, pois conforme Montagne,

(...) medir hábitos e costumes estranhos tomando como referência os nossos significa não compreendê-los, diminuí-los; somente por meio de uma comparação não preconceituosa dos costumes é possível colher, tendo claramente em vista a diversidade de expressão, a comum natureza humana e, assim, formular julgamentos sobre a validade de cada costume particular tendo como base apenas o testemunho da razão. (MONTAGNE apud COUTINHO, 1997, p. 248).

Algumas das descrições dadas por Caminha eram as de que os índios andavam nus, não usavam nada para esconder suas vergonhas, eram simples, naturais, bons, belos, saudáveis e ingênuos. Todas essas características eram postas em comparação aos portugueses, visando à exploração e evangelização daqueles povos.

Gândavo - esteve no Brasil por volta de 1558 e 1572 e, portanto, teve mais tempo do que Caminha para descrever com mais detalhes sobre as vivências dos índios e vivenciou muito mais a realidade dos povos indígenas –, ainda assim, inseriu, no Brasil, os valores europeus, porque estes compõem sua visão de mundo e, diante das diferenças, considera o “outro” encontrado no Brasil como exótico, bárbaro e condenável (LIMA, SILVA & MELO, 2016).

Além disso, Gândavo descreve todos os povos indígenas de forma homogênea, apesar de perceber que existem diferenças entre os povos, acha-as pouco significantes. (LIMA, SILVA & MELO, 2016). Até hoje essa homogeneização é verificável, como exemplo, citamos os livros didáticos que, apesar de já terem adequações, ainda apresentam uma ideia de que os povos indígenas são um só, ignorando a diversidade étnica. De acordo com Valim Ramos, a cultura

(...) tem servido para construir uma aparente homogeneidade, silenciando as singularidades para estabelecer diferenças e fronteiras entre sujeitos,

determinando quem está dentro ou fora de seus limites. A cultura, nesse sentido, opera como um meio para construir um olhar para o outro, determinando, cristalizando sua cultura (2015, p. 222).

Hoje, geralmente ao se pensar ou falar do povo indígena, remete-se ao passado ou à floresta Amazônica, segundo Testa (2010), é por isso que hoje se tem tão pouco conhecimento sobre eles. Nos livros didáticos, também percebemos essa ideia de um índio preso ao passado, sobretudo ao período colonial.

Considerando que a carta de Pero Vaz de Caminha destinado a d. Manuel foi um meio de comunicação no processo de invasão do Brasil, não se pode considerar a linguagem separada de sociedade, pois a carta contribuiu muito para a propagação da imagem descrita, porque a mesma carregou por muito tempo a função de ser o primeiro documento do Brasil, considerá-la como documento dá-lhe um caráter de veracidade, uma vez que o dicionário Aulete (2004) define documento como, “Papel escrito que registra prova ou confirma algo” (p. 284). Assim, a carta de Caminha foi um dos primeiros meios de propagação de uma imagem estereotipada dos índios na sociedade.

Conforme explica Thaís Valim Ramos (2015), o esforço para entender a cultura e delimitar traços que diferenciem uma cultura da outra acaba levando a crer que cultura seja algo acabado, fechado, fixo, assim, “esse engessamento da cultura é que produz os estereótipos, criando uma caricatura que não permite vê-la em toda sua dimensão” (p. 227). Essa tentativa de simplificar a cultura, reduzindo-a a poucas marcas facilmente identificáveis, é que dá espaço para a discriminação.

Nessa perspectiva, deve-se considerar a linguagem como um componente essencial para o funcionamento da sociedade, uma vez que, através da carta, passou-se a produzir discursos, sobre o índio, os quais eram produzidos através do olhar do outro, o europeu, enquanto que os dizeres dos nativos eram silenciados e, nessa perspectiva, Orlandi (2011) escreve “o discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos etc” (p.83).

Dessa forma, devemos considerar que o não dito sobre os índios deveu-se ao processo de silenciamento de suas culturas provocado pelos portugueses. Não ter lugar de fala por muito tempo nos diversos espaços sociais permitiu que a descrição da carta se tornasse um “retrato” dos mesmos, o que faz com que os leitores vejam os índios como seres de “não pertencimento”. A falta dos dizeres indígenas sobre si próprios, nos períodos anteriores significou, e quem descrevia o índio na carta representava uma ideologia dominante, de modo

que, por mais que os índios agissem com atitudes contraofensivas, a voz mais ouvida seria a dos brancos.

Assim, construiu-se a imagem dos nativos a partir do olhar do estrangeiro, que caracterizou o modo de vida dos índios como impróprio, e a partir disso, os europeus iniciaram um processo de destruição da cultura dos indígenas e, diante desse processo, discursos outros são produzidos, inclusive pedagógicos, os quais valorizam o que os estrangeiros dizem sobre os nativos e estes dizeres são vistos como verdades inquestionáveis (CORACINI, 2007).

Portanto, no que se refere a estereótipos presentes, inclusive no chão escolar, a carta de Caminha tem um papel central, pois ainda é muito considerada e trabalhada nas escolas como um documento e, muitas vezes, não são discutidos a cultura indígena, nem o processo de invasão do Brasil. Segundo Ramos, essa falta de discussão em sala de aula sobre, por exemplo, a resistência indígena à invasão do Brasil, se deve

(...) a existência do racismo em nossa sociedade; a crença na ausência de racismo no Brasil, país da democracia racial; falta de divulgação de pesquisas e livros sobre o tema; o desconhecimento dos processos de resistência indígena no Brasil, mesmo por intelectuais (RAMOS, 2018, p. 10).

No período romântico, já se observa nas obras *O Guarani* e *Iracema* a entrega dos dois personagens principais Peri e Iracema respectivamente ao homem branco, o abandono com facilidade de suas culturas para seguir e viver de acordo com os não indígenas. Na primeira obra mencionada, em contrapartida ao servilismo de Peri, existe a luta de resistência dos aimorés, mas estes são representados no livro como vilões, enquanto Peri é visto como um herói, como um homem nobre por seu comportamento se assemelhar ao dos brancos. Então se constrói a ideia de que os índios são seres ruins, selvagens e violentos, mas que existem alguns que são nobres por se aliarem aos não índios e por negarem suas culturas, este que é nobre não é representado por suas qualidades reais, mas por uma imagem idealizada.

Já, no período modernista, temos como exemplo a obra *Macunaíma* de Mario de Andrade, na qual o personagem que representa o índio é Macunaíma, é um personagem tido como sem caráter, preguiçoso, um dos maiores estereótipos existentes sobre os povos indígenas.

Desse modo, é possível perceber que os índios não tiveram autonomia no processo de construção de sua imagem durante a colonização, sempre foram os brancos que destacaram as características que mais lhes importavam por algum motivo, sem se preocupar com as

particularidades de cada grupo étnico. Por isso, é compreensível que hoje a imagem do indígena seja tão deturpada e que seja tão necessária a intervenção da escola para a construção de outra imagem e é importante que essa imagem seja construída não a partir do olhar do branco, mas dos conhecimentos que os próprios indígenas têm de si.

É necessário reconhecer que a resistência indígena e a luta por seus direitos, inclusive de serem diferenciados em seu modo de viver e as lutas por ocupações de diferentes espaços, contribuíram muito para a desconstrução da imagem estereotipada do índio na sociedade, uma vez que aos indígenas já são possíveis muitos lugares de fala como as redes sociais, as universidades e os cargos públicos, embora que ainda em número reduzido.

Assim, não é possível pensar em desconstrução de estereótipos em nossa sociedade desvinculada da linguagem, pois os diferentes meios de comunicação tornam-se aliados das escolas e das minorias, principalmente no que se refere às discussões sobre a maneira como tem sido imposta pelas classes dominantes a imagem da cultura do outro, sobre a perspectiva de quem está de fora. Por isso é necessário que haja a valorização por parte da sociedade e da comunidade científica dos saberes situados (HARAWAY, 1995), ou seja, compreendermos os povos indígenas a partir dos conhecimentos obtidos por eles próprios, donos de suas culturas e suas vivências.

OS FALARES DOS ALUNOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS

Neste item, apresentamos quatro sequências discursivas (SD), presentes nos textos produzidos pelos estudantes do terceiro ano do Colégio Estadual Pedro Atanásio García acerca dos indígenas e analisamos essas formulações.

SD 1: O índio é um ser humano como nós, mas que têm diferentes costumes. Geralmente vivem em aldeias, plantam, pescam e caçam para ajudar na sobrevivência deles. Pelo pouco conhecimento que tive sobre índios, fiquei sabendo que nem todos viviam de caça e pesca, existiam os “índios canibais” que se alimentavam de carne humana.

Diante da afirmação de que “o índio é um ser humano como nós”, pressupõe-se que o estudante (SD1) já ouviu alguma afirmação contrária, assim ele traz a ideia de índio como um ser diferente em sua memória discursiva, observa-se também que tal afirmação vem seguida de uma ressalva o que fragiliza o dizer anterior. Na oração seguinte, ao dizer que os índios “[g]eralmente vivem em aldeias, plantam, pescam e caçam, só é possível compreender o sentido do termo “geralmente” quando se lê o próximo período, no qual o estudante cita a existência dos canibais, ou seja, o motivo para ele não incluir todos os índios na afirmação é estarem considerando a existência de canibais, não o fato de saber que os índios hoje já

estão envolvidos com capitalismo. E ainda percebe-se que a carne humana é vista como alimento do corpo, não como os próprios indígenas consideram: um ritual cultural, no qual, ao se comer a carne de um inimigo, adquire-se suas qualidades.

Além disso, principalmente nas culturas tupis, era a guerra um elemento cultural relevante, não precisando de muitos motivos para ocorrer. Havia guerras cíclicas (do caju, do milho, da piracema), mas, em geral, elas se davam pela captura de mulheres de uma etnia para casamento em outra, ou pela vingança de ofensas passadas, caso em que os prisioneiros eram vítimas de antropofagia ritual. O ciclo captura-execução-antropofagia marcava o início da vida adulta do homem, permitindo-lhe o casamento. Assim, a reprodução e sobrevivência do grupo dependiam do sucesso na guerra, da captura, execução e consumo de muitos inimigos (RAMOS, 2018, p. 35).

Essa concepção sobre a antropofagia chamada de canibalismo e presente no discurso do aluno (SD1) já foi apresentada antes por outras pessoas como é o caso do poema épico *Os feitos de Mém de Sá*, de São José de Anchieta, no qual o autor descreve os povos ameríndios por meio de adjetivos negativos e menciona o ato antropofágico.

(...) sábia em levar homicídio com rápidas setas,
e em superar pela ferocidade os enormes tigres,
os lobos vorazes, os furiosos cães e os cruéis leões,
e nutriam o ávido ventre com carnes humanas
(ANCHIETA, 1986, p.32; *apud* RAMOS, 2018, p.57).

Outro fator linguístico percebido nesse enunciado (SD1) é a presença das aspas na expressão “índios canibais”. J. Authier Revuz (1995, p. 136 *apud* MAIGUENEAU, 2004, p. 159) trata os comentários do enunciatador sobre sua própria enunciação. Ela classifica esses comentários como “não-coincidências do dizer”. Mas percebemos que essas categorias estabelecidas por ela também servem para interpretar o uso das aspas. Nessa sequência discursiva, identificamos a não coincidência do discurso consigo mesmo, ou seja, quando o enunciatador fala de outro discurso dentro do seu e a não-coincidência entre as palavras e as coisas que é quando as palavras não designam exatamente a realidade que deveria designar. Portanto, compreendemos que este aluno quis referir-se a algo que já ouviu, mas não quer se responsabilizar por este dizer por dois motivos: um, porque foi algo que ele ouviu de alguém, não foi presenciado por ele; e dois, porque ele não sabe se o termo “índios canibais” é adequado para a situação que ele cita.

SD 2: A ideia de índio é que eles são pessoas que moram em matas ou florestas onde quase não são encontrados porque eles se isolam da sociedade.

Eles vivem em casas de palha feita por eles, além disso, as casas são grandes onde podem morar várias famílias, depende da tribo que foi encontrada além disso falam uma língua própria dos índios que as pessoas das cidades não conseguem entender.

Nas florestas, eles caçam e plantam seu alimento em meio a vegetação alta sempre à beira de rios por causa da pesca e para sua própria sobrevivência, além disso, tem sempre um pajé que é como se fosse um rei na comunidade que vive sempre no centro onde todos procuram para saberem alguma coisa, não vestem roupas tradicionais sempre usam folhas de mato ou um tipo de cipó tapando parte do corpo.

Pelos dizeres desse sujeito (SD2), notamos a concepção de que os índios ocupam somente as áreas florestais, ou seja, as novas formas de viver dos povos indígenas são desconhecidas pelo aluno. Além disso, quando o sujeito enunciatador diz que “eles se isolam da sociedade”, o sentido produzido é de que o enunciatador não compreende os grupos indígenas como sociedade. O sentido produzido é que o enunciatador considera como sociedade apenas o meio social que vive, enquanto que o meio social do outro, o indígena, não é compreendido como sociedade. Ou seja, o espaço do outro é rejeitado.

No segundo período, em “depende da tribo que foi encontrada”, observamos o reconhecimento das diversas formas indígenas de existir.

Ademais, quando o enunciatador diz que os índios possuem outras línguas e que as pessoas da cidade não os entendem, produz sentidos equivocados, pois este demonstra não ter conhecimento de que a maioria dos povos indígenas dominam o português e muitas tribos perderam suas línguas próprias ao longo do tempo através do seu contato com as outras sociedades e etnias e só falam o português (RAMOS, 2018).

Outra situação em que se nota a generalização dos povos indígenas é a seguinte: “além disso, tem sempre um pajé”, a palavra “sempre” demonstra que, de acordo com esse aluno, em todas as comunidades indígenas tem um pajé. Ao falar sobre a organização dos povos tupis e das lideranças de outras etnias, Ramos entende que não são todas as etnias que tem a (o) pajé, justamente pela presença do termo “muitas” e não do termo “todo”, por exemplo, como se observa a seguir:

Do ponto de vista político, não havia autoridade absoluta ou muito forte: os postos hierárquicos em função do gênero (exclusivo dos homens), do mérito guerreiro (morubixabas) e dos poderes xamânicos (pajés). Atualmente, **muitas** etnias (não só tupis) têm lideranças femininas internas (caciques e pajés) quanto externas (líderes de associações, militantes partidárias, intelectuais) (RAMOS, 2018, p. 28, grifo nosso).

Esse dizer (SD2) apresenta ainda um índio do passado, quando diz que eles não vestem roupas, é uma concepção baseada em fontes como a carta de Caminha. Quando se trata dos povos indígenas, geralmente não se pensa em evolução diacrônica, enquanto nas outras sociedades é normal se reconhecer a mudança de hábitos, as sociedades indígenas são vistas como estagnadas.

SD 3: Quando eu vejo um índio eu enxergo ele como ser discriminado porque seus estilos de vida são diferentes, o modo de como eles buscam seus próprios alimentos, de como são os jeitos de suas moradias. Eles são discriminados pelos jeitos de se vestir, de pintar o seu corpo e de até ensaiar e demonstrar seus ritmos de dança.

Observa-se nessa SD3, uma formação discursiva que reconhece a situação indígena de discriminação, no entanto materializa uma ideologia parecida com os discursos anteriores em relação à forma de se vestir e se alimentar, ou seja, é a ideia de um índio preso ao passado. Verifica-se ainda que esse enunciador considera as danças desses povos uma apresentação que necessita de ensaios, o modo como a cultura indígena foi apresentada para esse aluno é de uma formação discursiva estereotipada, modo este que não compreende que assim como algumas culturas dançam outros ritmos como o forró em festas, sem a necessidade de ensaiar, os índios também o fazem naturalmente e o intuito pode ser religioso, por lazer, entre outros.

Compreendemos ainda que, quando o enunciador introduz seus escritos com o verbo enxergo, ele mostra que a cultura do índio que lhe foi apresentada é atualizada pela memória discursiva.

SD 4: Eu acho que índio é umas pessoas que vivem na mata e tem um estilo de vida diferente do nosso modo de viver, eles vivem na mata e muitos deles vivem sem roupa e tem outros que são canibais, comem carne humana.

Mas tem outros que são como nós e são mais comunicativos com os outros, índio é ser humano, são iguais a nós, isso é o que eu acho.

No primeiro parágrafo (SD4), identifica-se uma formação discursiva de mesma formação ideológica das mencionadas anteriormente, que os índios vivem isolados, sem roupa, são canibais e são todos iguais. É importante salientar que hoje os índios estão presentes nos mais diversos espaços, vivem em suas comunidades, como também vivem nas cidades grandes, fazem faculdade, dominam os códigos, ocupam diversos tipos de cargos e não deixam de ser índios, assim como os estrangeiros quando saem de seus países e vem para o Brasil não perdem sua nacionalidade (CARRELLI, 2000).

Destacamos também, nesse texto (SD4), a declaração “mas tem outros que são como nós e são mais comunicativos com os outros”, visto que se produz efeitos de sentidos de que

os índios que não são comunicativos são selvagens e diferentes de “nós”. Percebe-se a oposição entre o pronome “nós” - que representa todos que estão no meio social do enunciador, marcado pelo adjetivo igual, e considerados “corretos” - e o pronome “eles”, referindo-se aos indígenas, marcado pelo adjetivo diferentes, que produz o efeito de sentido de que estes são “errados”, “não civilizados”. Segundo Laraia, “O fato, de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (2001, p. 75 apud Valim Ramos, 2015, p. 2267).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, percebemos que, apesar de os povos indígenas estarem conquistando diversos lugares de fala, esses espaços ainda não são suficientes e satisfatórios para desconstruir imagens estereotipadas construídas ao longo da história e repassadas às escolas da sociedade contemporânea.

Observamos que os alunos da referida escola reproduzem dizeres e sentidos sobre os povos indígenas que lhes são repassados de maneira muito limitada e generalizada, nos quais os povos indígenas não são apresentados de forma plural e atual, como povos que assim como qualquer outro evolui ao longo do tempo. Compreendemos que esse modo de significar se deu pelo fato da imagem indígena ter sido construída historicamente a partir da visão do outro, do europeu no período da colonização, e da sociedade não índia no período atual.

Cabe salientar a necessidade de uma formação continuada dos professores que ofereça uma preparação em relação à lei 11.645/08 para que possam colocá-la em prática de forma adequada e situada, visando diminuir, se não acabar, com os estereótipos construídos ao longo da história sobre os povos indígenas. Para tanto, é importante que os professores adotem referências indígenas para sua atuação em sala.

Após o questionamento feito aos alunos sobre o que sabiam dos povos indígenas, nós, monitoras do PIBID, expomos informações relevantes como, por exemplo, quem são os povos indígenas, quantos são hoje, quantos já foram; citamos algumas de suas línguas, quantas são e quantas já foram, falamos da resistência indígena ao longo da história e a atual (inclusive quais são suas reivindicações); destacamos que eles hoje ocupam quase todos os estados brasileiros, deixando de fora apenas Piauí e Rio Grande do Norte.

Depois dessa aula expositiva que também aconteceu em formato de discussão com os alunos, em outro dia, entregamos a cada um deles uma folha de papel com algumas

informações inadequadas, baseadas em ideias estereotipadas que nós já havíamos discutido e visto no documentário *Índios do Brasil: quem são eles?*. Cada aluno deveria ler a informação e comentar se esta era ou não adequada e depois os colegas diziam oralmente o que achavam também.

Diante dessas atividades, avaliamos os resultados como satisfatórios e afirmamos nossa hipótese inicial de que os alunos só faziam reformular sentidos estereotipados sobre os índios que outros (pessoas, materiais didáticos etc.) construíram. Após nossa atuação como docentes diante dessa temática, percebemos que os estereótipos sobre indígenas começaram a ser desconstruídos discursivamente pelos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2019/2008/lei/11645.htm> Acesso em: 03 de junho 2019.

CARRELLI, Vincent (Dir.). *Índios do Brasil: quem são eles*. Brasil: MEC/SEF/SEED, 2000, 18 min. CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória, e identidade: línguas (maternas e estrangeira)*. Campinas- SP: Mercado das letras, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 1997.

HARAWAY, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

LIMA, M. I.; SILVA, M. C. G.; MELO, B.S. A construção da imagem do índio brasileiro: Da carta de Caminha à história da Província de Santa Cruz, de Gândavo. In: III Congresso Nacional de Educação – CONEDU, 2016, Natal, RN. Anais III CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2016. v. 1.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004. ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP, 2011. RAMOS, Ricardo Tupiniquim. O índio: identidade, quantidade, diversidade. In: Idem. *Língua e Cultura Indígenas*. Caetité: UNEB/ DCH – Campus VI, 2018, p 7-37.

RAMOS, Thaís Valim. Estereótipo Cultural na Análise do Discurso. In: FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em Movimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 221-236.

TESTA, Adriana Queiroz. *A Temática Indígena nas Escolas de São Paulo*. Artigo encontrado no arquivo da Secretaria Municipal de Educação, 2010.